

AS PSEUDO-INDEPENDÊNCIAS DA AMÉRICA LATINA

META

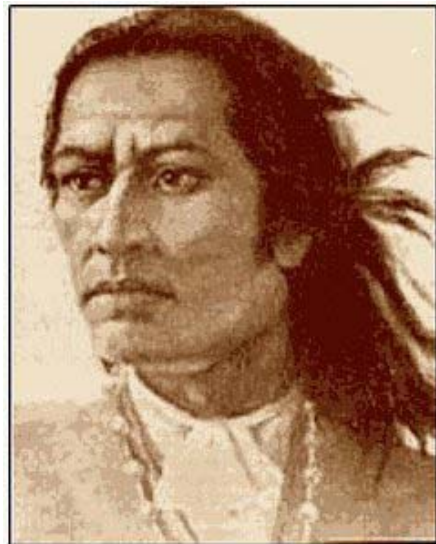
Levar o aluno a refletir sobre como se deu os diferentes processos de Independência dos países que compõem a América Latina.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:
explicar como se deu o processo de Independência da América Latina e
quais foram as principais mudanças decorrentes desse fato.

PRÉ-REQUISITOS

Ter assimilado o conteúdo das aulas anteriores.



Tupac Amaru II, responsável por um dos mais importantes e significativos movimentos libertários jamais existentes nas Américas.

(Fontes: <http://2.bp.blogspot.com>)

INTRODUÇÃO

Caro aluno, querida aluna: chegamos, finalmente, ao último capítulo do nosso curso de História das Américas I. Neste derradeiro encontro vamos refletir um pouco sobre as Independências da América Latina.

Parece-nos evidente afirmar que o referido processo não foi tão simples de ocorrer, visto que as Américas enfrentavam inúmeros problemas referentes às suas raízes coloniais. Dessa forma, não se pode afirmar que houve uma Independência das Américas. No caso específico da região de influência latina, o máximo que podemos dizer é que houve uma pseudo-independência, pois as estruturas não foram rompidas de todo e os vínculos continuaram a existir, mesmo que o pacto colonial tenha caducado.

A professora Janice Theodoro (1987:13) ajuda-nos a explicitar o referido tema:

[...] o processo de independência latino-americano precisou enfrentar problemas complexos devido às suas enormes raízes coloniais. Era impossível arrancar uma cultura que havia penetrado tão fundo. O resultado foi que as independências ficaram sempre pela metade. As maiorias favorecidas e as minorias desfavorecidas não necessitavam romper com todas as formas de dominação. Muitos dos antigos referenciais europeus trabalhados pela aristocracia nativa agradavam aos latino-americanos. A identidade latino-americana forjada durante todo o período colonial não precisava negar sua vertente européia. De preferência, podia conciliar sua tradição cultural, rompendo apenas politicamente com a coroa. A independência das Américas espanhola e portuguesa foi incorporada pela História, mas não a revolucionou.

Não obstante tal constatação, houve movimentos de resistência no interior da própria América Latina, fomentados por personagens tipicamente americanos, que tentaram romper com os interesses das elites metropolitanas. Um desses importantes movimentos, quiçá o mais relevante, tenha sido a Rebelião de Túpac Amaru, ocorrido no Peru, no século XVIII.

Os habitantes da zona cultural andina não aguentavam mais serem submetidos a quase três séculos de exploração e servidão através das mitas e ecomiendas. Além disso, haviam tomado consciência de que o sistema colonial hispânico na América foi marcado por um processo massivo de eliminação de boa parte das populações indígenas que aqui viviam. Porém, nem todos tinham uma ideia absoluta do que realmente havia acontecido; por isso, alguns grupos não eram radicalmente contra o processo de dominação espanhola. Assim sendo, para ampliar a utilização da mão-de-obra disponível, muitos colonizadores empreenderam acordos com as lideranças indígenas locais.

Em troca do apoio ao colonizador espanhol, o curaca, chefe indígena, recebia parte dos impostos arrecadados ou obtinha alguns privilégios,

como ser poupado da não obrigatoriedade de prestar trabalho compulsório aos colonizadores. Desse modo, a elite pretendia manter as estruturas de dominação, sem a necessidade de empreender uma luta muito desgastante.

No entanto, no ano de 1780, um líder curaca chamado José Gabriel Túpac Amaru se dispôs aos interesses das elites metropolitanas. Inicialmente ele mudou seu nome para Túpac Amaru II e, em seguida, organizou um movimento emancipacionista que contou com apoio da elite crioula.

Nesse mesmo ano, começa a rebelião marcada pela execução de um dos chefes espanhóis da administração colonial. Em pouco tempo, milhares de mestiços, indígenas, escravos e colonos empobrecidos decidiram não mais atender às exigências e tributos da Coroa Espanhola.

Em assim sendo, a popularização dos ideais da rebelião de Túpac Amaru começaram a representar uma ameaça real aos interesses das elites criollas, que ofereceram resistência efetiva ao avanço dos levantes. Com isso, o movimento acabou se desintegrando e perdendo a articulação política. Túpac Amaru II foi preso e julgado pelas autoridades metropolitanas. Ele foi sentenciado a ter a língua cortada e, depois de morto, deveria ser arrastado por uma tropa de cavalos pelas ruas de Cuzco.

O episódio da Rebelião de Túpac Amaru foi o estopim de uma série de lutas sangrentas que resultaram na execução de 80 mil indígenas. Portanto, pode-se considerar tal acontecimento como um dos mais importantes e significativos movimentos libertários jamais existentes nas Américas. Nesse sentido, foi uma rebelião verdadeiramente emancipatória, considerada por muitos historiadores como o precursor das Independências Latino Americanas.

MÉXICO: DOS ASTECAS À INDEPENDÊNCIA

Como já tivemos a oportunidade de estudar, em 1324 d.C. os Astecas começaram a construir Tenochtitlán. A partir de então se formou uma grande Confederação que se ampliava cada vez mais por meio da construção de um aparato opressor, no qual se pôde constatar um forte desenvolvimento urbano e comercial.

Contudo, torna-se necessário destacar que a Confederação Asteca desenvolveu-se por meio da submissão de outros grupos indígenas que sofriam com a cobrança de elevados tributos que deveriam ser pagos aos senhores que habitavam os arquipélagos do Lago Texcoco.

Com o processo de colonização, os indígenas voem-se submetidos ao poder dos europeus. A opressão simplesmente mudou de mãos.

Leon Pomer (1990) lembra-nos que, no século XIX, o México chegou a ter uma população de seis milhões de habitantes, sendo que 40% deste total eram compostos por indígenas, os outros 40% eram mestiços, 19% brancos nativos e somente 1% era espanhol.

Dessa forma, os índios compunham a base da pirâmide social. Eles

sofriam constantes humilhações e ofensas provenientes das outras camadas da sociedade. No entanto, eles eram responsáveis pela extração e beneficiamento das matérias primas que eram produzidas nas fazendas do México. Devido a essa condição opressora, foi através desse povo que se formou o grande contingente de soldados que participou do exército que lutou pela liberdade do México.

Os mestiços encontravam-se numa posição relativamente superior em relação aos índios, visto que também possuíam sangue espanhol. Por isso podiam ocupar cargos como capatazes de minas e fazendas. Eram-lhes permitido, inclusive, exercer cargos menos graduados na administração colonial, tais como: escrivão judiciário ou padre de paróquia do interior. Foi dessa camada social que surgiram os mais importantes líderes do processo de independência do México.

Os brancos eram detentores de uma pequena parcela do poder da sociedade, porém, não se sentiam confortáveis em viver na América e encontrarem-se submetidos aos ditames do pacto colonial, que não lhes permitiam comercializar com outros países, senão a Espanha. Eles cobravam da Metrópole o direito de terem acesso a cargos de maior influência na estrutura burocrática e administrativa do Estado, visto que estes eram ocupados pelos chapetones, ou espanhóis peninsulares. Na realidade, estes espanhóis não pretendiam modificar totalmente a estrutura colonial, mas antes, tirar maior proveito dela.

Cinquenta por cento da renda pública mexicana eram destinadas à Metrópole. O que equivalia a um valor superior ao das exportações de produtos manufaturados. Do que restava, haver-se-ia de tirar 10% para o pagamento e dízimo ao alto clero. Além disso, a Igreja Católica no México colonial era detentora de muitas posses e, além de praticarem negócios esdrúxulos, cobravam altas hipotecas pelos prédios que possuíam; ostentava, inclusive, a fama de ser a mais poderosa latifundiária do Vice-reino da Nova Espanha.

Leon Pomer (op. cit.) destaca que o capital acumulado pela Igreja no México foi de aproximadamente dezoito milhões de pesos, quantidade maior do que o da fazenda pública, que contabilizou em média doze milhões de pesos.

No início do século XIX, mais precisamente em 1808, a Espanha foi invadida por Napoleão Bonaparte. A partir desse momento, fruto do ímpeto iluminista do seu governo, foram declaradas as famosas leis liberais napoleônicas; as quais tiveram um impacto marcante nas colônias espanholas. Dessa forma, pôde-se respirar uma maior liberdade política e de imprensa, as mitas foram abolidas, algumas terras foram distribuídas entre os indígenas e a inquisição foi extinta. Data dessa época a promulgação da primeira constituição espanhola que apresentava caráter liberal e, mesmo assim, foi jurada por Fernando VII, legítimo herdeiro do Trono Espanhol, que se encontrava refugiado no México.

Contudo, uma grande parte da população ainda permanecia descon-

tente, principalmente a elite colonial que temia perder seus privilégios por causa das leis liberais. Por esse motivo, esse grupo aderiu ao movimento pró-independência.

Uma parte da Igreja, principalmente o baixo clero, também resolve aderir às reivindicações dos independentistas. Assim sendo, Padre Miguel Hidalgo y Costilla foi o primeiro a proclamar a independência no dia 16 de setembro de 1810. Dessa feita, foi abolida a escravidão, os impostos foram reduzidos, os tributos indígenas suprimidos; bem como foi ordenado o fim do arrendamento obrigatório das terras indígenas.

Outro importante personagem nesse processo foi o Padre José Maria Morelos y Pavón. Suas ações aprofundaram ainda mais o processo emancipatório; visto que suprimiu qualificações discriminatórias que eram oficialmente feitas a índios e mestiços, eximiu o pagamento de tributos aos europeus e deu exclusividade de emprego aos americanos.

A reação conservadora não demorou a ocorrer, o chamado Exército Triguarante formado pelos defensores da Coroa Espanhola, invadiu a capital e, tendo sido vitorioso, instituiu o Plano Iguala, cujo objetivo principal consistia em restabelecer os privilégios da Igreja Católica na região.

Contudo, o processo de Independência era irreversível. Assim sendo, em 28 de setembro de 1821 assina-se a transferência do poder das mãos dos estrangeiros para a dos poderosos senhores nacionais. Uma nova constituição é promulgada e as velhas estruturas estatais são recompostas.

AS INDEPENDÊNCIAS NA AMÉRICA CENTRAL

A América Central apresenta uma geografia bastante peculiar, marcada por cadeias de vulcões ao centro, que se prolongam até a Costa do Pacífico e as planícies ao leste formadas por selvas tropicais espessas e de solo férteis. O único rio navegável dessa parte do mundo é o San Juan. As regiões são muito distantes umas das outras, em parte devido à irregularidade dos relevos e a falta de portos naturais. Sempre foi uma região bastante castigada por catástrofes naturais como: terremotos, furacões e erupções vulcânicas.

Antes da conquista espanhola, a região era habitada por um mosaico de confederações tribais que se estendem do México até o norte da Costa Rica. Porém, a partir do século XVI a região foi alvo da exploração europeia. Assim sendo, do solo centro americano foram extraídas somas incalculáveis de ouro, pedras preciosas e frutos exóticos como cacau e anil. Os maus tratos, a rispidez da escravidão e as epidemias dizimaram quase que a totalidade da população indígena da região.

No século XVII, começou a ser implantado o regime de plantation. Nesse sistema produtivo, grandes propriedades de terra encontravam-se concentradas nas mãos de alguns poucos latifundiários, que se dedicavam praticamente ao cultivo de um único produto ou à pecuária, se esse fosse o caso.

Como a defesa militar era precária na América Central colonial, o contrabando de riquezas naturais era muito comum. Inclusive houve casos em que piratas ingleses estabeleceram-se na região.

A Independência da América Central deu-se mais por influência de fatores externos do que pela vontade das classes e grupos locais. No início do século XIX, o Congresso da Guatemala proclamou a separação total entre América Central e Espanha. Promulgou-se uma Constituição própria baseada na carta dos Estados Unidos. Contudo, a referida tentativa emancipatória não pode ser sustentada devido à falta de articulação regional, desequilíbrio populacional e debilidade econômica da região.

A vida política da República Independente da América Central foi breve e agitada, marcada por inúmeras guerras civis e constantes conflitos entre liberais e conservadores.

No final do século XIX a América Central conheceu um florescimento de culturas voltadas para a exportação, com destaque para o café e a banana. Juntos, esses produtos chegaram a representar 40 % de tudo o que se produzia.

O século XX foi palco de muitas intervenções na região, principalmente, por parte dos Estados Unidos que promoveram ditaduras militares e patrocinaram contra-revolucionários para lutarem contra os governos que demonstrassem possuir alguma tendência socialista. Nesse contexto, grupos revolucionários, a exemplo dos sandinistas da Nicarágua, promoveram disputas ideológicas e militares que foram duramente sufocadas pelo governo de Washington. Hoje, a região sofre com grandes contrastes humanos devido a séculos de exploração econômica e injustiças sociais promovidas pelas grandes potências capitalistas.

Por tudo isso, Leon Pomer (1990) nos lembra que a Independência dos países que hoje compõem a América Central deve ser estudada de forma unitária; principalmente daqueles que formavam a Capitania Geral e Reino da Guatemala e que hoje compreendem os países de Honduras, El Salvador, Guatemala, Nicarágua e Costa Rica.

O referido autor destaca que, ao final do período colonial, a população dessa região era formada por: 65% de índios, 31% de mestiços e apenas 4% de brancos descendentes de espanhóis. O destaque mais significativo era que enquanto os índios viviam espalhados em pequenos povoados organizados pela Coroa, os mestiços eram homens livres que se encontravam desprovidos de terras.

A estrutura produtiva da América Central no início do século XIX girava em torno de duas atividades básicas: a agropecuária e a agroindústria (engenho de açúcar). Apesar disso, costumavam produzir anil, cacau, baunilha, bem como outros produtos agrícolas.

Como aconteceu no México, a elite crioula pretendia fomentar um processo emancipatório sem provocar grandes mudanças sociais. Já os mestiços

encontravam-se completamente desarticulados, visto que as regiões eram muito isoladas e os que viviam nas cidades não conseguiam se articular. Por essa razão, na maioria das vezes eram utilizados como massa de manobra pelos poderosos. Por fim, os índios não desempenhavam nenhum papel efetivo e, portanto, permaneciam completamente marginalizados.

Por conta dessa total desarticulação, em 1822, o General Iturbide incorporou a Federação da América Central ao México, mesmo diante da insatisfação de uma parte da população. Com a deposição do ditador mexicano, cerca de um ano depois, separam-se do México e fundam a Federação das Províncias Unidas da América Central.

Naquela época, o Panamá encontrava-se vinculado à Colômbia, a separação entre ambos só vai acontecer em 1903, por meio de uma rebelião apoiada pelos Estados Unidos, que tinha interesse em construir um canal que ligasse o Atlântico ao Pacífico.

Santo Domingos foi a primeira terra pisada por europeus. Por isso, foi vítima de uma das maiores matanças de índios que se tem notícia nas Américas. Nessas terras, foi criada a primeira Universidade das Américas, a de Santo Tomás de Aquino, fundada em 1538. Por outro lado, o Haiti vivia constantemente envolvido em guerra entre escravos.

Por fim, destaca-se Cuba, cuja produção econômica encontrava-se vinculada à plantação de cana de açúcar e à utilização de mão-de-obra escrava. Por tal razão, seu processo de independência foi o mais longo dentre todos ocorrido nas Américas e teve como principal artífice o intelectual José Martí.

AS INDEPENDÊNCIAS NA AMÉRICA DO SUL

A independência na Venezuela foi declarada em 5 de julho de 1811, porém, no dia 25 do mesmo mês Miranda, o maior líder do movimento, foi preso em São Mateus. Então, a campanha independentista foi assumida por Simon Bolívar, que se destacou como grande estadista e iniciou uma campanha que culminou com sua entrada em Caracas em 7 de agosto de 1813. Ele instituiu uma Nova República da qual faziam partes quase todas as províncias venezuelanas, com exceção de Guayana e Maracaibo. Por tal razão, a Independência Venezuelana só se consolidou em 24 de Junho de 1821, quando Bolívar derrota Miguel de La Torre na batalha de Carabobo.

Já o Equador viu-se envolvido pelas ideias iluministas difundidas pelos missionários católicos que ali chegaram. Conceitos como o de individualismo e nacionalismo, liberdade e igualdade eram discutidos entre os homens livres e geravam constantes manifestações no seio da sociedade civil. Por essa razão, em outubro de 1820, José Joaquim Olmedo declara a Independência provisória do Equador. Contudo, com o apoio da Gran-Colômbia, comandada por Simon Bolívar, a Independência definitiva do Equador só foi alcançada em 24 de maio de 1822.

A Independência da Argentina teve início a partir da chamada Revolução de Maio (25 de maio de 1822). Porém, esse movimento foi relativo, visto que havia um profundo sentimento antiportenho (contra a hegemonia de Buenos Aires enquanto capital e porto comercial) por parte das outras províncias do Rio da Prata. Foi a campanha militar comandada por José de San Martín que finalmente consolidou a Independência da região, era o dia 18 de junho de 1816. Em 1825, ela recebeu a denominação de Províncias Unidas do Rio da Prata. Contudo, somente em 1826, com a nova Constituição, passou a denominar-se Argentina.

Foi no ano de 1780 que começaram as primeiras manifestações emancipatórias na Colômbia. Os líderes desses movimentos foram Antônio Lariño e Camilo Torres. Posteriormente Simon Bolívar e Francisco de Paula Santander incorporaram-se a luta separatista. Depois da vitória na Batalha de Boyocá surge, finalmente, a República da Gran-Colômbia.

O início do movimento libertário no Uruguai iniciou-se depois que Xavier de Elio recebe o título de vice-rei da região. O descontentamento proveniente de tal nomeação acabou provocando sinais de descontentamentos generalizados, manifestados por pequenos focos de resistência. Então, em 1811, sob a liderança de José Artigas (1811), o lado Oriental inteiro se levanta. Nessa época, foi elaborado o mais revolucionário de todos os projetos emancipatórios que se têm notícias. Contudo, o governo de Buenos Aires, em consonância com a corte portuguesa do Rio de Janeiro, resolveram que Artigas era um inimigo poderoso que deveria ser eliminado, o que finalmente foi realizado. Junta-se a esse jogo de interesses o influência do capital Inglês na região, que planejavam salvaguardar o porto de Montevideú da destruição, que poderiam ser causadas pela luta emancipatória. Assim, em 1828, com o total apoio Inglês, nasce uma nova nação.

A Independência da Bolívia teve a participação direta de Simon Bolívar, que atribuiu ao seu lugar-tenente Antonio José de Sucre a missão de unir os diferentes exércitos regulares que lutavam sem sucesso pela emancipação da região. Com a vitória dos revoltosos, inaugurou-se a primeira Assembleia Geral na qual estavam representados diferentes grupos sociais. Rejeitou-se, logo de início, a incorporação do Peru. Então, a 6 de agosto de 1825 foi finalmente declarada a Independência da Bolívia, que passou a se chamar República Boliviana, em homenagem ao seu libertador.

O Chile conseguiu sua Independência em 1818 quando o general argentino José San Martín liderou uma grande frente de guerras de Independências na América do Sul. Antes disso, as forças do Brigadeiro Francisco de Antonio Garcia permaneciam fiéis a Fernando VII, mesmo durante o Governo Napoleônico na Espanha. Dessa forma, o primeiro triunvirato que tentou governar o Chile independente foi sublevado pelas forças dos realistas lideradas pelo próprio Antonio Garcia.

A história da Independência do Peru em parte já foi contada quando fizemos referência à Rebelião de Túpac Amaru. Sabe-se que a superioridade militar dos dominadores acabou com essa importante tentativa de insurreição. Porém, outros grupos revoltosos se ergueram na tentativa de insurgirem-se efetivamente contra a Coroa. Necessário se faz dizer que alguns intelectuais peruanos aderiram à causa revolucionária, porém, sofreram sucessivas derrotas. Somente a combinação de forças do General San Matín, Bolívar e Sucre conseguiu superar a dominação espanhola, era o ano de 1821, estava proclamada a Independência do Peru.

A Independência do Paraguai ocorreu devido ao conflito que sua região mantinha com Buenos Aires. Como já sabemos, os portenhos pretendiam manter sua hegemonia sobre a região da Bacia do Prata, o que atingia diretamente os interesses Paraguaio. Assim sendo, os argentinos os obrigaram a participar da Junta Portenha que anexava o referido país numa única província junto com o Uruguai. Como os paraguaio negavam-se veementemente a aceitar tal imposição, a Argentina resolveu enviar um exército comandado pelo general Belgrano, cuja função era dissuadir as autoridades paraguaio a desistirem dos seus ideais autonômicos. Diante dessa situação, o general Velazco pediu apoio aos portugueses e o exército argentino foi derrotado. Obviamente que a aproximação entre paraguaio e lusitanos não agradou os argentinos; porém, já era tarde demais, os próprios paraguaio afastaram do poder o general Velazco e assumiu o comando do Paraguai José Gaspar Rodrigues de Francia, que foi proclamado como Ditador Perpétuo em 1811.

CONCLUSÃO

Uma das consequências mais relevantes das Independências foi a instauração do caudilhismo na América Latina. Os caudilhos, como eram chamados, foram poderosos chefes militares locais que se consolidaram após o processo de emancipação das colônias. É nesse período delimitado, por um lado, pelos movimentos de independências e, por outro, pela formação dos Estados Nacionais na América Latina, que se situam os caudilhos.

O caudilhismo encontrou-se diretamente relacionado com o processo de fragmentação da América Espanhola, que causou não só uma repartição externa, mas também interna, na divisão de cada um deles. Tal fato se deu por causa da ruptura da unidade dentro das colônias, as quais estavam diretamente vinculadas à dominação metropolitana. Com fim do pacto colonial, houve uma redistribuição interna das terras e as diferenças regionais tornaram-se cada vez mais evidentes. Foi nesse contexto que surgiram os chefes regionais que investiram numa via armada como forma de estender seus domínios e seu poder político nas diferentes regiões que se encontravam sob o seu controle. Estes homens eram os caudilhos.

O fenômeno caudilhista pôde ser notado em países como a Colômbia

e, principalmente, na Região do Rio da Prata (Argentina, Uruguai, Bolívia, Chile e Paraguai).

Dentre os caudilhos mais famosos destacaram-se: Francisco de Paula Santander (Colômbia); Juan Manuel de Rosas, Francisco Ramires, Juan Facundo Quiroga e Angel Vicente Peñalosa (Argentina); e José Artigas (Uruguai)

RESUMO



O desmoronamento do sistema colonial espanhol ocorreu entre os anos de 1808 e 1825. Tal fato se deu devido as enormes contradições internas que existiam nas colônias. Nesse sentido, as Independências das possessões Espanholas nas Américas foram realizadas por um grupo social dominante, que não se interessava em alterar a estrutura na qual vivia. O que queria era simplesmente aumentar a atuação do seu poder político. Por outro lado, os criollos, que pertenciam à aristocracia, embora em situação inferior a dos brancos espanhóis, também queriam usufruir de maiores privilégios, inclusive sob os grupos minoritários: mestiços, índios e negros. Mediante a existência de interesses tão díspares, podemos afirmar, sem medo de errar, que as Independências não modificaram radicalmente as estruturas da sociedade colonial, que se manteve fechada e hierarquizada. Portanto, melhor seria dizer que o que aconteceu, na realidade, foram pseudo-independências por uma herança cultural que deixou marcas muito profundas.

ATIVIDADES



Preste bastante atenção ao texto transcrito abaixo e argumente sobre os motivos que nos levam a entender que as Independências da América Espanhola não modificaram substancialmente a vida dos indígenas que aqui viviam.

O ÍNDIO E A INDEPENDÊNCIA

O índio é de um caráter tão dócil que unicamente deseja o repouso e a solidão: não aspira sequer a acaudilhar sua tribo, muito menos a dominar as estranhas. Felizmente esta espécie de homens é a que menos reclama a preponderância, ainda que seu número exceda à soma de outros habitantes. Esta parte da população americana é uma espécie de barreira a conter os demais partidos: ela não pretende a autoridade, porque não a ambiciona nem se crê com aptidões para exercê-la, contentando-se com sua paz, sua terra e sua família. O índio é o amigo de todos porque as leis não estabelecem a desigualdade entre eles e porque, para obter todas as mesmas dignidades de fortuna

e honra que concedem os governos, não há necessidade de recorrer a outros meios que o trabalho e o saber, aspirações que eles odeiam mais do que podem desejar as graças.

Assim, pois, parece que devemos contar com a docilidade de muito mais que a metade da população, posto que os índios e os brancos compõem três quintos da população total; se acrescentamos os mestiços, que participam do sangue de ambos, o aumento torna-se mais sensível e o temor das cores, conseqüentemente, diminui.

Bolívar

Trecho da “Carta ao editor da Gazeta Real de Jamaica”
Kingston, 09/1815

FONTE: Belloto M. e Martínez Corrêa, A. (org.). Simon Bolívar: política. São Paulo, Ática, 1983. Coleção Grandes Cientistas Sociais. In. PINSKY, Jaime (org.) História da América através de textos. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 1991. pp. 66 e 67

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

Esta é uma carta escrita por Simon Bolívar, um dos criollos responsáveis por boa parte dos processos emancipatórios da América do Sul. Muito embora o referido texto perceba a singularidade das comunidades indígenas, no que diz respeito às lógicas internas de suas relações sociais; nota-se que tais características amedrontavam os novos donos do poder, pois aos índios não lhes interessavam nenhum tipo de “autoridade”. Portanto, eles poderiam ser “uma espécie de barreira a conter os demais partidos”, visto que não almejavam nenhum cargo político.

Na realidade, o universo simbólico indígena não compreendia os meandros da política crioula; mesmo porque, com as Independências, eles continuaram a sofrer as mesmas humilhações e explorações que sofriam na época colonial. Em suma, para eles nada mudou.

AUTO-AVALIAÇÃO

Ao final desta aula, consegui entender quais foram os reais motivos pelos quais os processos emancipatórios na América Latina podem ser chamados de pseudo-independências?



REFERÊNCIAS

BRIGNOLI, Héctor Pérez. **América Central: da colônia à crise atual**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

GERAB, Kátia e RESENDE, M. Angélica. **A rebelião de Tupac Amaru: Luto e resistência no Peru do século XVIII**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

PINSKY, Jaime (org.). **História da América através de textos**. 3ª ed., São Paulo: Contexto, 1991.

PINTO, Pimentel Julio. **O caudilhismo**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

SALINAS, Samuel Sérgio. **México: dos Astecas à Independência**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

SILVA, Janice Theodoro da. **Descobrimientos e colonização**. São Paulo: Contexto, 1987.

Leitura recomendada

POMER, Leon. **As independências na América Latina**. 10ª ed., São Paulo: Brasiliense, 1990.